

## **O ENSINO DE HISTÓRIA E A RELAÇÃO DOS HERÓIS FICTÍCIOS COM OS HERÓIS DA HISTORIOGRAFIA POSITIVISTA EM SALA DE AULA**

FILIPE VIANA DA SILVA\*

JULIANA SOUZA DE OLIVEIRA\*

MIRIAN KELLY SILVA OLIVEIRA\*

### **RESUMO:**

Este trabalho busca analisar e problematizar a historiografia tradicional a partir da construção e da relação que existe entre os heróis da ficção e os heróis nacionais. Para tanto, buscaremos, neste artigo, perceber até que ponto os heróis dos gibis se tornam passíveis de comparações com os grandes interlocutores da história positivista, sobretudo, no intuito de refletirmos e desconstruirmos o que seria uma história construída por “salvadores”. Discutiremos como esses heróis podem ser trabalhados e inseridos na sala de aula, trazendo a história tradicional de uma forma mais prazerosa e simples de se entender, bem como, á levando para o cotidiano dos alunos através de meios modernos e informativos. Dessa forma, iremos nos fundamentar em autores como: Circe Bittencourt, Durval Muniz, Maria Aparecida Schmidt, Marlene Cainelli, Maria Godoy, Margarida Dias e Selva Guimarães, todos servindo como base para nosso trabalho. Não esquecendo claro, dos grandes expoentes dos Annales, como Lucien Febvre e Michel Foucault, os quais são de extrema importância, e serviram de norteadores para nossas análises históricas, para nossos discursos e para nossas subjetividades.

**PALAVRAS – CHAVE:** ensino de história, heróis, informação.

Ao tentarmos problematizar a historiografia e o ensino tradicional de história, propomos lançar nossos olhares renovadores, no intuito de buscarmos, entre versos e inversos, modificar, um conjunto avassalador de ideias e princípios que vieram à tona

---

\*Licenciando em História pelo Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Orientado pela professora Doutora Jailma Maria de Lima, Coordenadora de Área do PIBID e professora da UFRN.

\*Licencianda em História pelo Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Orientada pela professora Doutora Jailma Maria de Lima, Coordenadora de Área do PIBID e professora da UFRN.

\*Licenciando em História pelo Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Orientada pela professora Doutora Jailma Maria de Lima, Coordenadora de Área do PIBID e professora da UFRN.

durante muitos anos e propormos, também, construir um paralelo entre heróis da história e ficção como forma de alterar a maneira como estes estão ou foram aplicados em sala de aula, é, portanto problematizar, a construção de indivíduos considerados “heróis” históricos. Logo, tomando como base para nossas análises os heróis, sejam eles fictícios e/ou reais, faremos um paralelo entre as duas propostas supracitadas, buscando diferenciar nossas visões a partir de uma perspectiva teórica. Nós fundamentando em formas contínuas e descontínuas de ser, dinamizando nossas sensibilidades e críticas, desfigurando as formas, desconstruindo certezas e fomentando problemas, hipóteses e interrogações.

Seguindo nessa linha de raciocínio, não no sentido de linearidade da história, deixando claro que essa não é nossa intenção, e nos fundamentando na análise histórica que Michel Foucault faz do discurso, notamos que:

*[...] fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo o devir e de toda prática são as duas faces de um mesmo sistema de pensamento. O tempo é aí concebido em termos de totalização, onde as revoluções jamais passam de tomadas de consciência (FOUCAULT, 1997, p:15).*

Assim, partindo dessa perspectiva teórica e indo de encontro aos heróis, nos deparamos com o incomum: “salvadores”, “transformadores”, “fantásticos, reais ou fictícios”, entrelaçados, numa história com ou sem heróis, pragmática e permanente, que perpassa várias gerações. Quem nunca leu ou assistiu sobre o Batman ou Super-homem? Qualquer indivíduo leigo ao assisti-los, os idealizam como heróis salvadores da nação, na luta contra o mal, salvando vidas de sujeitos sem voz. Apesar de serem personagens fictícios, são seres construídos, montados e transformados a partir dos seus feitos.

Pedro Álvares Cabral, Tiradentes, dentre outros, são personagens da historiografia brasileira que por muito tempo foram considerados heróis. Embora sejam personagens reais, estes se configuraram e se legitimaram, na escrita positivista, como “salvadores da pátria” e “heróis da nação”. Logo, relacionando os heróis dos gibis aos heróis da nossa história, podemos perceber diálogos e atitudes que visão a “manipulação” das massas sociais, por meio de intencionalidades e ilusões. A partir

dessas comparações, podemos observar a historiografia e o ensino de história no Brasil, por intermédio de problemas e questionamentos dos mesmos.

A começar, pondo em xeque, o que denominamos de heróis reais e fictícios, apontando seus lugares, discursos e construções. Nessa perspectiva, propomos a movimentação de uma história monótona, de um ensino disciplinado. O que intencionamos aqui é:

*Um ensino que problematiza as verdades que constituem a nossa realidade, que põe em questão as verdades que articulam as imagens de sujeito que cada um tem. [...] O ensino que desvaloriza os valores, que tenta pensá-los como produtos de dados interesses, que estes têm uma história (ALBUQUERQUE JR. 2010).*

Por muitos anos a história positivista esteve presente nos livros didáticos e nas salas de aula, o que fez com que muitas gerações aprendessem “verdades” históricas e nomes de “heróis” da pátria, os quais se infiltravam nas cabeças dos alunos. Fazendo com que o ensino de história fosse relegado a uma história total e contínua, uma história que onde o nome pesava como *ouro*, e advindo deste, todo o poder e a glória de quem o carregava:

*A historiografia e o ensino tradicional do século XIX, cuja referência principal era o documento escrito, divulgou a concepção de que o documento falava por si só e, ao historiador cabia tão-somente a compilação e organização dos fatos documentais. Ao professor de história cabia a transmissão dos fatos ou conhecimentos produzidos pelos historiadores (SCHIMIDT e CAINELLI, 2004, p:53).*

Durante o Regime Ditatorial no Brasil (1964-1985), no que se refere à formação de professores/historiadores, percebemos que os mesmos possuíam um curto período de formação profissional. A disciplina de Estudos Sociais tinha, como principal objetivo, transmitir uma gama de conhecimentos históricos para os professores e os alunos, fazendo com que um grande número de docentes se tornasse vítimas e ao mesmo tempo futuros protagonistas de uma história marcada por dados, fatos, nomes e sobrenomes. Sendo assim, muitas gerações de professores e alunos, não conseguiram fugir desse modo de conceber a história. “No entanto, o encerramento daquela experiência ditatorial não significa a inexistência de novas e velhas dificuldades a serem enfrentadas no cotidiano da História” (SILVA e SELVA, 2012, p: 13).

Consideramos então, a existência de uma ponte, entre a história de heróis e a história dos gibis, no qual, as mesmas, se fortificam a partir de seus discursos e feitos, tão logo difundidos em suas comunicações. Será então, que Pedro Álvares Cabral realmente descobriu o Brasil? Ou o Brasil já estava descoberto antes de 1500 pelos índios que aqui habitavam? Por que “ter” Tiradentes como um herói? O que ele fez para merecer esse título de herói da pátria brasileira? Todos esses questionamentos nos possibilitam novas formas de pensar, de conceber as verdades como construções históricas, de entender discursos fixos e muitas vezes, sem nexos. Nesses questionamentos, percebemos que:

*Heróis são símbolos poderosos, encarnação de ideias e aspirações, ponto de referência, fulcros de identificação coletiva. São por isso instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação dos regimes políticos (CARVALHO, 1990, p:55).*

Talvez muitos professores e alunos não saibam que Tiradentes não foi considerado um herói da história brasileira tão logo após sua morte, pois, ao passo que, defendia ideias iluministas republicanas e antimonarquistas, seu nome pouco fora citado. Nosso simbólico herói foi um dos exemplos mais marcantes da manipulação política feita pela República. Logo, quase um século após sua morte, o movimento republicano o elegeu como herói por suas lutas e em 1890 sua morte tornou-se feriado nacional.

*Esta História ensinada como dado, e não como uma construção, está imersa no mar de representações mentais sociais que se pretendem – ilusoriamente – como definitivas no entendimento do mundo e, por assim compreenderem, se arrogam a indicar um caminho também definitivo para a sociedade (GODOY SILVEIRA, 2006, p:12).*

Proporcionar, portanto, um ensino que deforme, é buscar, entre outras coisas, o sentido da mudança, da problematização do inquestionável, pensar o não pensável e quebrar com paradigmas que por muito tempo foram aceitos como verdades.

Partindo da ideia de construção, de ficção relacionado ao real, percebemos a figura do Batman, um dos principais personagens dos gibis. Este herói, por sua vez, não possui nenhum poder sobre-humano, porém, utiliza-se de sua inteligência e de suas habilidades investigativas, além da tecnologia, do dinheiro e do bom preparo físico que possui para lutar contra o mal e, conseqüentemente, salvar a nação.

Não diferentemente, a figura do Super-Homem, ou Superman, que optou pela justiça e, sobretudo, a verdade, esquecendo um pouco de si mesmo e se preocupando em salvar vidas, salvar o planeta contra o mal e se cristalizar como herói diante de seus feitos.

## AS MÍDIAS DIGITAIS E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO DE HISTÓRIA EM SALA DE AULA

Em se tratando da sala de aula, o ensino de história a partir das figuras de gibis, charges ou histórias em quadrinhos, podem trazer para o alunado uma forma prazerosa e interessante de entender a importância e a influência desses heróis na construção memorialística de uma sociedade ou de um lugar. Fazer um paralelo entre os heróis de histórias infantis como o Batman e/ou o Superman, com os heróis da história do Brasil, é uma forma de trazer para o cotidiano dos alunos uma maneira mais ágil de compreender os temas que envolvem esses heróis.

É nesse contexto que se encaixam as mídias digitais, pois as mesmas podem “trazer” as discussões, as pesquisas online, os documentários e filmes que podem demonstrar toda a importância e a historicidade dos heróis, desde sua origem até a sua apresentação nas redes de informação, trazendo uma proximidade de algo pouco palpável para o entendimento do alunado.

Atualmente com tantas tecnologias, com a ajuda da internet, da TV digital, dos filmes e documentários, é possível que o professor faça uso de “historinhas”, de gibis, para mostrar aos alunos que a disciplina de história não é tão “chata” e “enfadonha” quanto parece, sendo possível transformar a imagem de um herói fictício em herói nacional, utilizando a criatividade para comparar e introduzir esse herói no cotidiano dos alunos, fazendo com que os mesmos se interessem pelo tema, buscando intensificar assim a leitura, no que se refere a conteúdos da disciplina História, e fazendo com que os mesmos sintam-se parte integrante da história nacional, o que de fato são, pois todos, independentes de classe social, religião, sexo, idade, etnia, dentre outros, são sujeitos históricos e devem se ver como tais.

As mídias digitais entram no contexto escolar como fortes aliadas do professor para atrair os alunos para essa nova forma de fazer o ensino, de levar meios mais

interessantes para fortalecer a aprendizagem dos meninos e meninas que estão ali em busca de um conhecimento, de uma formação de opinião, pois a uma necessidade de se:

*(...) repensar as mudanças metodológicas. Hoje, é bastante evidente que a sala de aula não é mais o palco onde se apresenta monólogo para um público passivo. O professor sabe que não basta falar para que os alunos aprendam. Isto significa que o trabalho em sala de aula, ou seja, o trabalho com ensino, exige um professor em permanente situação de investigação, o que implica condições de trabalho, formação adequada, criatividade, vontade, e compromisso político. (AGOSTINI e PAIM, 2006, p.195).*

A mídia pode ajudar e facilitar muito a vida do docente cabe a ele saber usar, pois não é apenas chegar à frente de uma turma passar um filme ou documentário, ou levá-los a sala de informática e fazer uma pesquisa na internet; é preciso que o docente tenha domínio, consciência e informação daquilo que está trazendo para o cotidiano do alunado, para que futuramente esta forma de ensino não seja vista com maus olhos. As mídias estão aí para serem usadas, basta buscar o momento certo, os conteúdos certos, para enaltecer o ensino, promover a inclusão e a interação digital dos alunos com o meio externo e tecnológico que os rodeia, ao passo, que os alunos tem, hoje em dia, um acesso muito rápido as informações e aos acontecimentos e isso ocorre, principalmente, graças a internet, mais também, a TV, enfim aos meios de comunicação e tecnológicos.

Como é perceptível, nosso intuito, não é fazer uma análise criteriosa sobre os heróis acima citados, mas de forma bastante singela, buscamos problematizar, através de comparações, e inovações acerca da historiografia e do ensino tradicional de história. Mesmo sendo sintética nossa análise, ela se torna indispensável na medida em que propomos novas formas de pensar e de agir nas diversas maneiras de conceber o ensino de história. O que precisamente podemos concluir, é que, os heróis brasileiros, como Pedro Álvares Cabral e Tiradentes, foram vistos durante muito tempo, especialmente durante a ditadura militar brasileira, como senhores de um universo único e objetivo, onde só eles foram capazes de salvar a pátria que se encontrava, até então, na barbárie.

As discussões dos fatos e dados é tarefa fundamental para o professor-historiador, fugir do linear, do evolucionista e do cientificista. Uma história vista sem o sentido de suas belezas naturais, lançada pelos ideais de oficialidades, não conseguiria demonstrar a que veio.

Portanto, concluímos que, tudo é histórico, logo a história não existe (VEYNE, 1998). Sendo assim, tentamos construir uma ponte de saberes, onde realidades e/ou ficções de heróis diferentes, foram comparadas a outros, por meio de construções e intencionalidades, além de, concluímos que, se objetivássemos a objetividade, às verdades, os fatos, o já certo, teríamos que fechar os olhos, por um ponto nesse texto e dizermos que o ser humano é como uma máquina, racional, insensível, indolor, sem amor. “O que buscamos é precisamente o começo e o fim de toda a história. Se não há problema, não há história. Apenas narrações, compilações” (FEBVRE, 1989, p: 31). Procuramos problemas e, não respostas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Por um ensino que deforme**: o docente na pós-modernidade. In: Áurea da Paz Pinheiro e Sandra C. A. Pelegrini. (Org.). Tempo, Memória e Patrimônio Cultural. 1 ed. Teresina: EDUFPI, 2010, v. 1, p. 55-72. Disponível em:

<[http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/por\\_um\\_ensino\\_que\\_deforme.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/por_um_ensino_que_deforme.pdf)> Acesso em: 12 jun. 2013.

AGOSTINI, Sandra. PAIM, Elison Antônio. **Estágio: contribuições para a formação do professor de história**. Londrina: História & História. v, 12, p. 187-202, ago. 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004. 407 p.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

CARVALHO, José Murilo de. A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil. In:\_\_\_\_\_. **Tiradentes: um Herói para a República**. São Paulo: Companhia das Letras. 1990. p. 55.

SILVA, Marcos Antônio. FONSECA, Selva Guimarães. **Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: vol. 31, n. 60, p. 13-33, 2010.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 31.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 1997. Rio de Janeiro, Forense Universitária. p.15.

GODOY SILVEIRA, Rosa Maria. **De como o ensino de História constrói a paz... dos cemitérios e, assim, serve à guerra**. SAECULUM – Revista de História. João Pessoa: n. 15. p. 11-17, 2006.

SCHMIDT, M<sup>a</sup> Aparecida; CAINELLI, Marlene Rosa. **A Construção do fato histórico e o Ensino de História**. In: Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2004.

VEYNE, Paul. Tudo é histórico, logo a história não existe. In\_\_\_\_\_. **Como se escreve a história**. Brasília: 4. ed. 1998. p. 25-34.